

16-3-60 O Globo

## A CRÔNICA de Rubem Braga

### BANQUETES

CONTA o repórter Márcio Moreira Alves que, em sua viagem pelo interior, o candidato Jânio Quadros evita hospedar-se na casa de algum chefe político e mesmo aceitar almoços ou jantares em residência particular. Sua idéia é, certamente, evitar ciúmeiras entre chefes locais, mas não sei se é boa política, tão agradada é a gente do interior em receber visitantes em seu lar e poder dizer mais tarde — “pois o homem sentou-se aí nessa mesma cadeira em que o senhor está, e só vendo como êle carregou na pimenta!”

Mas isso me lembrou o Barão de Itapemirim, e a história que contam dêle. Anunciou-se que o Imperador Dom Pedro II ia visitar o Espírito Santo. O Barão tinha sua casa afastada da Vila, em um morro à margem esquerda do rio Itapemirim: as ruínas ainda estão lá, a gente vê de longe quando passa de trem na margem sul. Mandou preparar o banquete para o Imperador; dizem que a baixela era toda de ouro. O Imperador esteve na Barra do Itapemirim e depois na Vila, que é menos de meia légua rio acima, e hoje é cidade, mas o povo ainda chama de Vila; não foi até Cachoeiro porque naquele tempo ainda não existia ou era uma povoação miúda e distante; mas foi até Rio Novo. O banquete na casa do Barão era para ser na volta. Não houve. Fizeram alguma intriga, disseram ao Imperador que não convinha, pois seria uma desfeita ir à casa do Barão e não ir à de outro chefe político. Lá de sua janela no alto do morro o Barão viu a canoa do Imperador descer as águas mansas do Itapemirim, sem parar; e morreu de desgosto.

Isso foi história que me contaram em menino, e com certeza ainda se conta aos meninos da beira do Itapemirim; não deve ter sido bem assim. O Sr. Jânio Quadros não tem barbas nem ar de imperador, mas naturalmente se cuida para não desgostar os bons homens da roça que mandam caprichar na maionese e na farofa da leitosa, em vão.